

## **O poder humanizador da poesia de Adélia Prado: a arte da contemplação das coisas mínimas**

**The humanizing power of Adélia Prado poetry: the art of contemplating minimum things**

**El poder humanizador de la poesía de Adélia Prado: el arte de contemplar las cosas más pequeñas**

Vanderlei Barbosa<sup>1</sup>  
Jossuí Basílio Mendonça Maia<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo objetiva refletir sobre a função formativa e humanizadora da literatura, especificamente da poesia de Adélia Prado. Partindo do pressuposto do poder humanizador da poesia, cabe-nos mostrar as possibilidades de uma concepção de formação que ultrapasse a dimensão, puramente, epistemológica preocupada em atender às exigências da ciência e da tecnologia, ou seja, procuramos nos atentar para um caminho que não tem como único foco fundamentar o conhecimento pragmático. Com base nessa constatação, afirmamos a necessidade de uma formação do sensível capaz de tocar o ser humano por meio da arte literária, levando-o à arte da contemplação das coisas mínimas que são fontes de alegria e impregnam de sentido a vida.

**Palavras-chave:** Formação; Sensibilidade; Poesia; Adélia Prado.

### **Abstract**

This article aims to reflect on the formative and humanizing function of literature, specifically the poetry of Adélia Prado. Based on the assumption of the humanizing power of poetry, it is up to us to show the possibility of a conception of training that goes beyond the purely epistemological dimension concerned with meeting the demands of science and technology, that is, we try to pay attention to a path that does not its sole focus is to substantiate pragmatic knowledge. Based on this observation, we affirm the need for a training of the sensitive capable of touching the human being through literary art, taking him to the art of contemplating the minimum things that are sources of joy and imbue life with meaning.

**Keywords:** Formation; Sensitivity; Poetry; Adélia Prado.

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la función formativa y humanizadora de la literatura, específicamente la poesía de Adélia Prado. Partiendo de la asunción del poder

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Lavras – UFLA. Lavras/MG, Brasil. E-mail: [vanderleibarbosa@ufla.br](mailto:vanderleibarbosa@ufla.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7246-4427>

<sup>2</sup> Secretaria de Estado da Educação - SEE/MG e rede privada. Formiga/MG, Brasil.

E-mail: [jossuibasilio@gmail.com](mailto:jossuibasilio@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1005-3221>

humanizador de la poesía, nos corresponde mostrar las posibilidades de una concepción de la formación que vaya más allá de la dimensión puramente epistemológica preocupada por atender las demandas de la ciencia y la tecnología, es decir, que busquemos luchar contra ellas. por un camino que no tiene el conocimiento pragmático como único eje fundamental. A partir de esta observación, afirmamos la necesidad de un entrenamiento sensorial capaz de tocar al ser humano a través del arte literario, elevando el arte de la contemplación de las cosas más pequeñas que son fuente de alegría y dan sentido a la vida.

**Palabras clave:** Formación; Sensibilidad; Poesía; Adelia Prado.

## **Introdução**

A motivação pela poética de Adélia emergiu de razões existenciais, as quais nos levaram a desenvolver o olhar para o belo e o poético, seja no espaço profissional, acadêmico seja público. A proposta poética da poeta vem ao encontro ao que nos referimos como olhar poético, uma vez que sua poesia tem por característica fundamental a força dada à palavra, por meio de um olhar sensível das coisas que passam a ter significado ao explorar cada detalhe presente em seu cotidiano rico e singular. Acreditamos que ter um olhar poético é repensar caminhos que possam viabilizar a leitura de textos literários, como uma maneira de reolhar o mundo a nossa volta devido a sua linguagem desacelerada.

Essa perspectiva poética nos permite fazer uma reflexão e um contraponto a uma visão utilitarista propalada pela sociedade pós-moderna. Ao nos referirmos ao termo utilitarista, gostaríamos de compartilhar as ideias desenvolvidas pelo professor Fernando Bonadia de Oliveira, durante a conferência de abertura do I Congresso Mineiro de Estudantes de Pós-Graduação e Educação (COMPEPE), com o título “O lugar das ciências humanas em tempos de autoritarismo”, realizado na Universidade Federal de Viçosa, entre os dias 18 e 20 de setembro de 2019. Sua abordagem se refere tanto ao âmbito histórico geral quanto ao âmbito da sociedade brasileira e sua análise vem corroborar com nossas reflexões em relação ao poder humanizador da poesia.

Conforme o pesquisador, historicamente, de modo geral, o autoritarismo sempre viu o pensamento como uma ameaça. Exemplos clássicos dessa afirmação são os nazistas e os militares que, na fogueira da ignorância, queimavam livros, imaginando eliminar as ideias, pois a cultura era considerada por eles um lixo a ser destruído, ou seja, a ciência era vista como lugar da técnica neutra e não como espaço político.

Na sociedade brasileira, o autoritarismo, na sua forma onipresente (presença ausente),

sempre manteve uma postura de docilização e servilismo aos impérios de cada momento histórico, cumprindo o papel de silenciar as ideias destoantes do viés autoritário. Nesse sentido, a educação sempre foi utilizada como instrumento de manutenção do *status quo*, ou seja, para a classe trabalhadora, a educação para o trabalho; para a classe média, a formação para os negócios e a produção; para a classe dominante, compreende-se a elite, a formação para a política e para o poder. Em tempos sombrios, é necessário refletir sobre a relação entre humanismo e tecnicismo, buscando superar as dualidade e oposições.

A ciência, de modo geral, fragmenta e simplifica seu objeto visando resultados práticos. A arte literária, por sua vez, orienta-se pela totalidade, pela complexidade e por colocar as questões de forma abrangente. Logo, fica evidenciado que a temporalidade da pesquisa das ciências humanas é diferente das ciências exatas e experimentais. Nesse sentido, a literatura, especificamente a poesia, defende o “inutensílio”, o “ócio” e a “inutilidade”, visando ressignificar questões e ver o que ninguém vê, ou seja, olhar. Oliveira, referindo-se ao poeta Paulo Leminski, apontou que este coloca em dúvida a ideia cartesiana e burguesa, do pensamento racional contemporâneo, de mensurar e qualificar todas as coisas, inclusive a arte. Citando Leminski:

A poesia é o inutilensílio. A única razão de ser da poesia é que ela faz parte daquelas coisas inúteis da vida que não precisam de justificativa. Porque elas são a própria razão de ser da vida. Querer que a poesia tenha um porquê, querer que a poesia esteja a serviço de alguma coisa é a mesma coisa que querer que o orgasmo tenha um porquê, que a amizade e o afeto tenham um porquê. A poesia faz parte daquelas coisas que não precisam de um porquê<sup>3</sup>.  
(LEMINSKI, 1985)

A literatura possibilita, de um lado, quebrar os paradigmas do útil de que o tecnicismo prega em defesa do desenvolvimento a partir da racionalidade analítica instrumental, de outro, possibilita pensar o humanismo na sua dimensão cordial que pode e deve ter lugar de participação e decisão nos destinos coletivos da humanidade. Sob esse viés, acreditamos que este estudo percorrerá um caminho de pertinentes reflexões que possa contribuir para uma formação humana.

Retornando o nosso olhar para Adélia Prado, um dos aspectos de sua produção poética é a percepção peculiar que tem com relação ao mundo, ao coletivo, explorando de forma poética cada detalhe presente em seu cotidiano, que é comum a todo sujeito. Para a autora,

---

<sup>3</sup>Fala de Leminski retiradas do documentário *Ervilha da Fantasia*, dirigido por Werner Schumann, no ano de 1985, que relata fatos da vida e obra do escritor, poeta, tradutor e professor brasileiro.

conforme iremos demonstrar, a poesia é uma forma de libertação: “a poesia me salvará”. (ADÉLIA, 2017, p. 49)

Qual a finalidade da arte no processo formativo? A resposta a essa interrogação pode ser dada em duas perspectivas. A primeira, a partir da poética de Adélia que tem como mote a potência sensível do olhar poético; a segunda, a partir da própria legislação educacional que realça a importância dessa dimensão do processo formativo.

Referenciamos os documentos oficiais de políticas educacionais por conter subsídios que fundamentam a importância de promover a sensibilidade do indivíduo por meio da arte literária a qual é essencial para a formação humana. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 1997) sugerem a promoção da estética da sensibilidade, ressaltam o enobrecimento dos sentimentos como fator preponderante para a formação humana. Logo, uma educação pela poesia pode desenvolver ações que colaborem para a evolução do pensamento crítico, da consciência, do espírito humano e da afetividade.

Sendo assim, o documento citado destaca que a poesia: [...] estimula a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade, para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível, o diferente. (BRASIL, 1997, p. 75)

Além disso, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), no inciso III do Capítulo 35, orienta que a escola precisa promover, além do pensamento crítico e da autonomia intelectual, a formação humana e ética dos educandos.

Por fim, fazendo um percurso pelos Documentos de Políticas Educacionais, reconhece-se a necessidade da arte no atual contexto marcado por uma pobreza de experiência. Essa realidade é fator determinante para o estímulo à fragmentação em detrimento à sensibilidade. Acreditamos que essa fragmentação do pensamento é consequência de uma formação técnica e instrumental, que prioriza o progresso, a agilidade e a eficiência.

Essa referência aos documentos educacionais se justifica para demonstrar que a dimensão do sensível está posto nas diretrizes que orientam o processo formativo. Nesse cenário, a poesia é uma abertura ao simbólico que confere sentido à vida cotidiana de todo ser humano.

Assim, acreditamos que a arte literária permite que o indivíduo se torne capaz de agir na vida prática guiado por virtudes e de compreender situações conflituosas que permeiam o

seu contexto. Além disso, a escolha pela literatura/poesia é por ela ser dotada de uma elaboração estética que mais diretamente se liga aos sentidos em razão de seu caráter subjetivo.

Para que possamos compreender os aspectos da poesia de Adélia Prado a serem tratados neste estudo, recorremos ao volume *Poesia Reunida* (2017), o que irá nos possibilitar uma visão mais abrangente de sua produção poética. Essa obra contém os livros *Bagagem* (1976), *O coração disparado* (1978), *Terra de Santa Cruz* (1981), *O pelicano* (1987), *A faca no peito* (1988), *Oráculos de Maio* (1999), *A duração do dia* (2010) e *Miserere* (2013).

### **Pobreza de experiências**

Nossa reflexão se baseia no contexto atual de que nunca houve tanta informação e conhecimento com tamanha rapidez capazes de negligenciar os questionamentos da existência humana, expondo-nos a uma pobreza espiritual e a um esvaziamento de sentido. Nessa perspectiva de pobreza espiritual, nos referimos à ausência de sentido sobre a existência humana frente à automaticidade da vida, a um agir inconsciente que têm nos levado a acostumar com a mecanização do dia a dia de um sistema que preza a individualidade, o tecnicismo, a produção, o lucro.

Duarte Jr. (2010) descreve que o conhecimento que caracteriza a Idade Moderna é exclusividade do intelecto sobre as formas sensíveis do saber. Nessa perspectiva, é preciso pensar sobre o desprezo pela formação humanística em detrimento do cientificismo. É preciso buscar reflexões na construção dos saberes, tendo como ponto de partida a sensibilidade, que dá primazia ao exercício da reflexão, ao afinamento das emoções, ao senso da beleza, à aquisição do saber, à boa disposição para com o próximo, à percepção da complexidade do mundo e dos seres e ao cultivo do amor.

O mundo moderno se apresenta como espaço para o empobrecimento da experiência humana, determinado à velocidade da informação e à tecnicidade da vida. A experiência hoje não possui o significado que em tempos passados a determinou como um dado perceptivo da condição humana em que se abriga a sabedoria.

Com intuito de compreendermos a capacidade de ressignificação apontada na experiência, buscamos subsídios no estudo de Larrosa, o qual nos leva a pensar a educação a

partir do par: experiência/sentido. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p.21)

O filósofo Walter Benjamin, em seu ensaio *Experiência e pobreza* (1933), em que aborda a problemática da pobreza da experiência na modernidade, sinaliza a necessidade de reconstruir o conceito de experiência. O autor se refere ao processo de estreitamento da experiência na modernidade, uma experiência diminuída, pautada no individualismo e não no coletivo, na comunidade, na sociedade como um todo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara, aquilo que se aprendia de ouvido não tem mais sentido na sociedade tecnicista.

Sobre a constituição do sujeito moderno, Larrosa (2002) aponta que ou há excesso de informação ou um excesso de opinião. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Para o autor, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa que nos sentimos informados. Nesse sentido, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. Tornamos um sujeito incapaz de experiência, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião. A experiência é cada vez mais rara, outras razões pressupomos ser a exigência de viver a vida conforme a velocidade das informações. Tudo o que se passa acontece cada vez mais depressa, assim a realidade contemporânea é marcada pela fragmentação do pensamento, valorizando o imediatismo, a resposta rápida, superficial, descartável em detrimento da abstração, do raciocínio, da sensibilidade. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera.

Partindo dessa reflexão, compartilhamos do posicionamento da escritora Adélia Prado cedido em entrevista à Afonso Borges.

Quantas coisas nós já fizemos hoje? Tudo fragmentado! Uma hora é tomar café, uma hora é tomar banho, uma hora é se vestir... Tem fragmentos de tempo e nós queremos uma coisa eterna, unidade, na unidade que dure, que perdure e que não sofra essa solução de continuidade. Então a coisa mais próxima disso que nós temos enquanto estamos vivos é a arte, você contempla um quadro, escuta uma música, aquilo está inteiro e porque está inteiro ele me dá sentido, me dá um eixo, me dá alegria. (PRADO, 2012)

O mundo moderno é caracterizado pela obsessão à novidade e pela velocidade com que nos são dados os acontecimentos, características que, segundo Larrosa, nos impedem a uma conexão significativa entre acontecimentos que nos leva a uma pobreza de experiência.

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (LARROSA, 2002, p. 23).

Nos textos de Adélia Prado, predomina um dos aspectos mais evidentes de sua poesia, como já mencionado anteriormente, a significação do cotidiano. Temos para nós que a significação de elementos de uma vida prosaica, quase bucólica, pode nos recuperar de uma pobreza de experiência instaurada na apressada sociedade moderna.

Na poesia adeliana, o elemento metafísico está vivo na matéria; perceber o poético na experiência imediata do cotidiano é “abertura” para uma realidade de natureza transcendente, é comunicação com o Sagrado. Portanto, dificilmente poderemos afirmar que existe um olhar que idealiza o habitat, mas sim um sujeito que o experimenta e extrai dali vivências muito particulares de uma mulher.

A poesia de Adélia se concentra num cotidiano particular delimitado por uma visão feminina do mundo e por uma singularidade do interior de Minas Gerais. Seus poemas têm como fundamento uma simplicidade que se encontra na esfera do lar em que a realidade material dialoga com a realidade de vivências espirituais convergindo a um processo epifânico<sup>4</sup>. Esse processo pode ser visto na materialidade-imaterialidade do poema *Ensinamento*.

Minha mãe achava estudo  
a coisa mais fina do mundo. Não é.  
A coisa mais fina do mundo é o sentimento. Aquele dia de noite, o pai  
fazendo serão, ela falou comigo:  
“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.  
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente. Não me falou  
em amor.  
Essa palavra de luxo.  
(PRADO, 2017, p. 84, grifo do autor)

---

<sup>4</sup>Do ponto de vista filosófico, sensação profunda de realização no sentido de compreender a essência das coisas.



A cena particular da mãe arrumando a comida para o pai denota o mais sublime de todos os sentimentos: o amor. Para ela, o cotidiano é um grande tesouro acessível a todo ser humano. É possível compreender em sua poética a capacidade e a sensibilidade de captar o sagrado no mundo das coisas mais simples e corriqueiras. Há uma fome universal que pode ser observada do quintal, do pomar, da cozinha, da sala, da igreja do interior de Minas Gerais. Dessa forma, reconhecer a pobreza de experiência da qual nos tornamos reféns, é a possibilidade de superar, de conceber outra perspectiva para o presente a partir da consciência da sua indolência.

### **Olhar ordinário**

O texto “A arte como procedimento”, o crítico literário russo Chklovski (1973) nos convida a refletir que a capacidade de voltar o olhar ao objeto, ressignificando-o, é o princípio da arte. O autor se baseia nas imagens como explicação para o que é arte e afirma que a imagem não é um predicado constante para sujeitos variáveis. O objetivo da imagem não é tornar mais próxima de nossa compreensão a significação que ela traz, mas criar uma percepção particular do objeto, criar uma visão e não o seu reconhecimento. “O pensamento por imagens não é o vínculo que une todas as disciplinas da arte, mesmo da arte literária; a mudança das imagens não constitui a essência do desenvolvimento poético”. (CHKLOVSKI, 1973, p.41)

Nesse contexto, desenvolve o conceito de *ostranenie* (estranhamento). O estranhamento, para Chklovski, pode ser entendido como o efeito gerado pela obra de arte para nos distanciar ou estranhar em relação ao modo comum como aprendemos o mundo e até a própria arte, permitindo-nos, assim, entrar numa nova dimensão por meio do olhar artístico ou estético.

O autor chama a atenção em seu texto para o que seria processo de automatização a partir das leis de nosso discurso prosaico com frases inacabadas e com palavras pronunciadas pela metade. Ele compara esse processo à álgebra, ou onde os objetos são substituídos pelos símbolos. No discurso cotidiano rápido, as palavras não são pronunciadas; são apenas os primeiros sons do nome que aparecem na consciência.



No processo de algebrização, de automatismo do objeto, obtemos a máxima economia de forças perceptivas: os objetos são, ou dados por um só de seus traços, por exemplo o número, ou reproduzidos como se seguissemos uma fórmula, sem que eles apareçam à consciência. (CHKLOVSKI, 1973, p.44)

O autor destaca também que a língua da poesia e a língua da prosa se distinguem, pois existem dois tipos de imagens: “a imagem como um meio prático de pensar, meio de agrupar os objetos e a imagem poética, meio de reforçar a impressão”.

Ainda de acordo com o crítico russo, o processo da arte é efeito do processo de “desautomatização”. Daí, advém o estranhamento a que se refere, como singularização ou distanciamento que a poesia propicia e exige.

A ideia de automatização é configurada ao uso comum, normal, ordinário, habitual da língua do qual a usamos automaticamente, por hábito. E, mesmo inconscientemente, no sentido de reflexo e condicionamento, o que seja comum é geral, fácil de entender, responder, comunicar. Chklovski (1973) prossegue: “As leis de nosso discurso prosaico com frases inacabadas e palavras pronunciadas pela metade se explicam pelo processo de automatização” (CHKLOVSKI, 1973, p 44), afirmando que este processo também acarreta inconsciência.

Portanto, sair do automático e pensar conscientemente, permite-nos, por meio do choque inicial diante de uma situação, imagem ou arte, desenvolver a nossa percepção:

E eis que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte. O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a direção da percepção. O ato de percepção da arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado [...]. (CHKLOSVKI, 1973, p.45)

Quando a poesia desvia a norma comum, produz um desvio de sentido normal, opera uma situação estranha à realidade da comunicação cotidiana e brota, acontece um estranhamento tal que elimina leitores em massa ou de acordo com nossa argumentação, leitores esvaziados de percepção. Estranhemos porque saiu da norma, do normal, do vigente, traduz o conjunto de procedimentos que a linguagem literária efetua para produzir o estranhamento (ostranenie) da mensagem, cuja apreensão fica assim desligada dos automatismos que dominam o uso comum da língua.

Na literatura, em que a comunicação verbal não é o principal objetivo da linguagem, o  
Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.1, n.7, e-809, 2023.

processo de desautomatização serve para anular os automatismos da linguagem cotidiana. Assim, o escritor, depois de desautomatizar a linguagem, procurará colocar a ênfase na forma das frases, sem deixar que prevaleça a sua referencialidade. Chklovski (1973) chama de desautomatização a visão singular perceptiva do objeto literário, para tanto compartilha em seu texto fragmentos de Nota do Diário de Leon Tolstoi de 28 de fevereiro, 1897 a ideia de automatização que acreditamos assolar o homem contemporâneo, para ele a máxima economia de forças perceptivas nos leva a uma vida inconsciente.

Eu secava no quarto e, fazendo uma volta, aproximei-me do divã e não podia me lembrar se o havia secado ou não. Como estes movimentos são habituais e inconscientes, não me lembrava e sentia que já era impossível fazê-lo. Então, se esqueci e me esqueci, isto é, se agi inconscientemente, era exatamente como se não o tivesse feito. Se alguém conscientemente me tivesse visto, poder-se-ia reconstituir o gesto. Mas se ninguém o viu ou se o viu inconscientemente, se toda a vida complexa de muita gente se desenrola inconscientemente, então é como se esta vida não tivesse sido. (Nota do Diário de Leon Tolstoi, de 28 de fevereiro, 1897 apud Chklovski, 1973, p. 44).

Assim, para ele, a automatização engole os objetos, os hábitos, os móveis, a mulher e o medo à guerra e a vida desaparecia, se transformava em nada. "Se toda a vida complexa de muita gente se desenrola inconscientemente, então é como se esta vida não tivesse sido." E eis que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte.

O efeito de estranhamento desautomatiza nosso olhar, o autor descreve algo que talvez já vimos e conhecemos de longa data, emprega as palavras (...) de modo diferente, e nossa primeira reação se traduz numa sensação de estranhamento, numa quase incapacidade de reconhecer o objeto como Adélia Prado nos relata em entrevista à Marcos Almeida:

Só o homem pode se comover com o Sol que se esconde no horizonte, com a árvore florida, com as coisas mais mínimas, mais cotidianas, que escondem em si mesmas a beleza – e é essa beleza que toda arte procura. É tão forte que há pessoas que começam a olhar flores depois que viram flores no poema. (PRADO, 2008)

Dessa forma, a intenção, na obra de arte, não é a do autor, mas a de que frui, pois seu objetivo é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento

da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. “O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é meio de experimentar o devir do objeto, o que é já ‘passado’ não importa para a arte. (CHKLOVSKI, 1973, p.45)

Essa sensação de estranheza diante do já conhecido provoca, no fruidor, como nos aponta Adélia, “há pessoas que começam a olhar flores depois que viram flores no poema”, a necessidade de reconsiderar a mensagem, transportando-a a um novo lugar. Por ser tão presente em nosso cotidiano, às vezes ou nunca paramos para refletir sobre as significações dessas imagens. O estranhamento propõe o afastamento ou a aproximação do objeto; o abandono do automático para o despertar da consciência e sensibilidade por meio da arte e da linguagem. Neste aspecto, a arte possibilita ao sujeito viver sentimentos e experienciar sensações que em seu cotidiano não o faz, em razão da organização prévia das coisas. Essas sensações levam o sujeito a outra esfera de vivências e o ensinam a viver as dores, as belezas que em sua vida diária, não vive.

Em trecho do poema *A boca* é possível observarmos como a aproximação aos objetos construem o poema. Os elementos arroz e feijão são ressignificados, transcendendo a ideia de alimento para o corpo. Ao lembrar da infância, o eulírico percebe que do seu próprio cotidiano nasce a poesia.

Gosto tanto de feijão com arroz!  
Meu pai e minha mãe que se privaram da  
metade do prato para me engordar sofreram  
menos que eu.  
Pecaram exatos pecados, voz nenhuma os  
perseguiu.  
Quantos sacos de arroz já consumi? Ó Deus,  
cujo Reino é um festim,  
a mesa dissoluta me seduz, tem piedade de  
mim.  
(PRADO, 2017, p 181)

Portanto, a fruição de arte é, pois, um momento que possibilita quebra de sentidos e construção de novos, na medida em que permite a transcendência da realidade, convidando o sujeito a inaugurar a visão das coisas.

### **O poder humanizador da poesia**

Percebemos que o contexto atual tem nos envolvido em um agir inconsciente, o que nos tem permitido perder a capacidade de admirar, sentir e refletir. Essa nova realidade é fator determinante para o estímulo à fragmentação do pensamento, valorizando o imediatismo, a resposta rápida, curta e superficial, descartável em detrimento aop ensamento profundo, abrangente, que exige abstração, raciocínio, sensibilidade.

Nossas atividades do dia a dia não são sentidas, refletidas, admiradas. Entendemos que essa falta de sentido, de percepção e de senso crítico pode ser recuperado pela poesia por ela ser dotada de uma elaboração estética que mais se liga aos sentidos em razão de seu caráter mais subjetivo e também pelo seu caráter formativo na vida humana que se dá pela sua capacidade de compreender a condição humana e de provocar reflexões essenciais ao nosso viver.

Para Hillman (1993), considera a atualidade segundo a ideia de que o mundo adoeceu, perdeu sua relação direta com as coisas naturais, têm afastado o homem do contato intersubjetivo e com o ambiente que o rodeia, cercado que está de um aparato tecnológico sofisticado que o preserva de, por exemplo, caminhar, explorar a trilha de sua casa ao mercado, mirar os olhos dos transeuntes.<sup>5</sup>

Consideram que a lógica sob a qual se pauta a economia mundial resulta na produção de uma humanidade frágil em sensibilidade, fragmentada, sem valores sólidos e firmes. Em essência, o homem está fragmentado, por suas atividades, pela maneira dissociada com que a realidade o aprisiona.

A razão, privilegiada e tornada central na concepção da ciência, provoca o apartamento do sensível no homem, concentrando determinados saberes como relevantes, à medida que descarta outros. O racionalismo privilegia a mente, em detrimento de saberesda sensibilidade. O conhecimento local, o senso comum e o saber advindo da experiência cotidiana, têm seu lugar não legitimado, em nome de saberes considerados universais – o que significa corresponder ao universo da ideologia dominante.

Vejamos no poema *Para Comer Depois*, como Adélia Prado nos leva a refletir sobre um modo de vida necessário para apurar nossa percepção, um modo advindo da sua experiência cotidiana que não é comum a todos devido às observações expostas, mas

---

<sup>5</sup> Essa reflexão de Hillman (1993) encontra-se em artigo intitulado “Por uma educação estética na formação universitária de docentes”(DE AMORIN, VERUSSI MELO, CASTANHO, 2008. Conferir em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302008000400011&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302008000400011&script=sci_arttext&tlng=pt)

necessário para viver humanamente.

Na minha cidade, nos domingos de tarde, as pessoas se põem na sombra, com faca e laranjas. Toma a fresca e riem do rapaz de bicicleta, a campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas: “Eh bobagem!”

Daqui a muito progresso tecno-ilógico, quando for impossível detectar o domingo pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas, em meu país de memória e sentimento, basta fechar os olhos: é domingo, é domingo, é domingo. (PRADO, 2017, p. 38)

O poema apresenta a descrição de um cenário e as reflexões possíveis de serem feitas. Os elementos (faca, laranjas, bicicleta) e a oralidade são recursos extraídos do cotidiano, reaproveitados com um discurso lírico para explorar o encantamento de uma cena típica do interior perdida por um *progresso tecno-ilógico*; parece não haver mais tempo ou sensibilidade para sentir o cheiro do sumo da laranja, sentar à sombra, observar as mesmices do dia?

Ainda sobre essa sociedade fragmentada, esvaziada de sentidos, Leonardo Boff (2001 apud BARBOSA, 2009, p.9) retrata que a sociedade contemporânea, chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicabilidade e solidão entre as pessoas. Continuando seu pensamento, o mundo virtual criou um habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano.

Analisando esse comportamento da sociedade atual é que encontramos a importância da poesia em seu papel transformador, a qual possibilita ao ser humano simbolizar mais de perto o seu encontro primeiro, sensível, com o mundo.

Situando-se a este entroncamento entre a vida vivida e a abstração conceitual, a poesia visa a significar esse nosso contato carnal com a realidade, e a sua apreensão opera-se bem mais por meio de nossa sensibilidade do que via o intelecto. A poesia não estabelece conceitos, e sim apresenta situações humanas particulares nas quais estas surgem simbolizadas, carregadas de significados.

Comungamos do pensamento de Candido (2004) que a literatura humaniza porque nos faz vivenciar diferentes realidades e situações. Ela atua em nós como uma espécie de conhecimento, pois resulta de um aprendizado, como se fosse uma espécie de instrução para viver humanamente. Capaz de desenvolver em nós a quota de humanidade na medida que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (CANDIDO,

2004, p.180).

Partindo deste mesmo pensamento de Candido (2004), de que a literatura é um conhecimento que humaniza, conseguimos justificar nossa escolha pela poesia, por acreditar que a carga de subjetividade e sensibilidade depreendida por ela é capaz de desenvolver uma percepção mais atenciosa e menos automática do mundo que nos cerca. Partindo dessa reflexão sobre o olhar poético da vida, Octavio Paz também nos apresenta sua reflexão sobre o que é poesia:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos escolhidos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; retorno à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Prece ao vazio, diálogo com a ausência: o tédio, a angústia e o desespero a alimentam. [...] o poema é um caracol onde ressoa a música, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. [...] o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana! (PAZ 2012, p.21)

Por fim, podemos considerar que a poesia desempenha um papel humanizador ao se referir a temas relativos às questões humanas, aos sentimentos, às emoções, à construção e constituição da subjetividade, provocando no leitor reflexões sobre a existência humana, resgatando-o de uma pobreza de experiências.

### **Considerações finais**

O artigo objetivou refletir sobre o poder humanizado da poesia de Adélia Prado, isto é, a poesia como possibilidade de formação integral, envolvendo para além da racionalidade técnica e instrumental a razão sensível e cordial que é a dimensão de base do ser humano. Corrobora essa percepção Candido(2004) ao afirmar que a primeira função da literatura, diz respeito ao seu aspecto humanizador.

Para fundamentar nossa reflexão sobre a potencialização da poesia na formação humana, encontramos também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), no inciso III do Artigo 35, a orientação de que a escola precisa promover, além do

pensamento crítico e da autonomia intelectual, a formação humana e ética dos educandos.

Em vista disso, acreditamos que a poesia é objeto para uma educação sensível, pois permite que cada um responda melhor a sua vocação de ser humano. Logo, uma formação pela poesia pode desenvolver ações que colaborem para a evolução do pensamento crítico, da consciência, do espírito humano e da afetividade.

## Referências

- BARBOSA, Vanderlei. **Da ética da libertação à ética do cuidado**. São Paulo: Porto das Ideias, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.
- BOSI, Alfredo. **Debata sobre universidade: democracia, segurança e violência**. Usp Ffch. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sUeuGgzdRZM>>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, v. 134, n. 248, 1996.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília-DF: MEC/SEF, 1997.
- CANDIDO, Antonio. Na sala de aula. **Caderno de análise literária**, v. 4, 1984.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Remate de Males – Antonio Candido. **IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP**, p. 81- 89, 1999.
- CANDIDO, Antonio et al. **O direito à literatura**. Vários escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/ sobre Azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio et al. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.



CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. Poesia, o que é e para que serve? **Revista Recorte**, v. 11, n. 1, 2014.

CITELLI, Adilson. O cotidiano revelado na poesia de Adélia Prado. **Comunicação & educação**, v. 14, n. 1, p. 115-120, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. [S.l.]: Escrituras Editora, 2002.

COSTA JÚNIOR, Josias da. Religião e literatura na poética mística de Adélia Prado. **Horizonte-Revista de estudos de teologia e ciências da religião**, Belo Horizonte, v. 10, n. 25, p. 120-135, jan./mar. 2012.

CHKLOVSKI, Viktor et al. **A arte como procedimento**. Teoria da literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Globo, p. 39-56, 1973.

CZEKSTER, Gustavo Melo. A poesia indesmanchável de Adélia Prado. **Revista Amálgama**. 2016. Disponível em: <<https://www.revistaamalgama.com.br/03/2016/a-poesia-indesmanchavel-de-adelia-prado/>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

DE AMORIM, Verussi Melo; CASTANHO, Maria Eugênia. Por uma educação estética na formação universitária de docentes. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 105, p. 1167-1184, 2008.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: educação (do) sensível**. 2010. 233p Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, 2010.

FARIA, Raquel Cristina. São Paulo: **Revista Cláudia**, dezembro de 1981.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGE. **Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

HIRASIKE, Roseli. **O feminino revelado em Clarice Lispector**. 2013. 85p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, São Paulo, 2013.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (Org.). **Cadernos de Literatura Brasileira: Adélia Prado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ims, 2000.

JOSÉ, Elias. **Memória, cultura e literatura: o prazer de ler e recriar o mundo**. São Paulo: Paulus, 2012.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, 2002.

LAUAND, Luiz Jean. A linguagem mística do cotidiano: a Poesia de Adélia Prado busca flagrar a dimensão divina na realidade trivial, como no poema inédito. **Acácias**. Uol. [20--]. Disponível em: <<http://www.jeanlauand.com/page58f.htm>>. Acesso em: 8 jun. 2019.

MASSI, Augusto. Móbile para Adélia. In: PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. Edição de Luxo. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

MOREIRA, Ubirajara Moreira. Adélia Prado: Itinerário até bagagem–esboço da escritora quando jovem. **Uniletras**, v. 29, n. 1, 2009.

MOREIRA, Ubirajara Araújo. Adélia Prado e a polêmica sobre o processo de criação poética e o papel da inspiração. **Humanit. Sci., Appl. Soc. Sci., Linguist., Lett. Ar.** UEPG, Ponta Grossa, v. 18, n. 1, p. 9-19, 2010.

MORETTO, Marco Antônio Palermo. Na linguagem poética de Adélia Prado a expressão teológica: relações do eu-lírico com Deus. **Teoliterária-Revista de Literaturas e Teologias**. v. 1, n. 2, p. 87-104, 2011.

PAZ, Octaviano. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PRADO, Adélia. **O coração disparado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p. 7-15.

PRADO, Adélia. **Poesia Sempre**. Rio de Janeiro: Luciano Trigo, n. 20, 2005. Trimensal.

PRADO, Adélia. **O pelicano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

PRADO, Adélia. **Aula Magna**: o poder humanizador da poesia. Entrevista concedida a Affonso Borges. Disponível em site "Nossa Brasilidade", 19 de abril 2012. <https://nossabrasilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/>. Acesso em: 06 set. 2023.

PRADO, Adélia. **Sempre um Papo**. Produção de Afonso Borges. Realização de Sempre Um Papo. Belo Horizonte: Caturra Digital, 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sisSITXY6bM>>. Acesso em: 07 set. 2023.

REVISTA TEOLITERÁRIA (Org.). **Poesia e Mística**: Um dedinho de prosa com Adélia Prado. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22946>. Acesso em: 05 jun. 2019.

SCHUMANN, Werner. (Org.). **Ervilha da Fantasia**: Paulo Leminski. 1985. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=116&v=zkl57-hC3ko](https://www.youtube.com/watch?time_continue=116&v=zkl57-hC3ko)>. Acesso em: 06 set. 2019.

SOARES, Angélica. A espacialização do tempo no memorialismo poético de Cecília Meireles, Adélia Prado e Renata Pallottini. **UniLetras**, v. 33, n. 1, p. 29-41, 2011.

STEINER, Neusa Cursino Santos. et al. **Um poder infernal**: a poesia de Adélia Prado. 2005.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres.  
**Raído**, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016.

*Recebido: novembro/2023.*

*Publicado: dezembro/2023.*